

O “corvo” de Machado era brasileiro: reflexões sobre a tradução (in)direta de Machado de Assis para o poema “The Raven”, de Edgar Allan Poe

Machado’s “raven” was Brazilian: reflections on Machado de Assis’ (in)direct translation of the poem “The Raven”, by Edgar Allan Poe

Larissa Silva Leitão Daroda*

Carolina Alves Magaldi**

Resumo: A tradução poética de Machado de Assis é objeto sempre profícuo para novos estudos. Nesta pesquisa, foram comparadas estrofe a estrofe do poema “The Raven”, de Edgar Allan Poe: a tradução de Machado de Assis e a de Charles Baudelaire, em busca de traços de semelhança ou dissimilaridades que permitissem verificar a hipótese de que Machado usara a tradução de Baudelaire para tradução indireta do poema. A análise usou o suporte das teorias de Britto (2020) e Lefevre (1975) acerca de tradução poética e os resultados encontrados possibilitam a conclusão de que, provavelmente, tanto o texto de Poe quanto o de Baudelaire foram usados por Machado na tradução de “O Corvo”, tradução essa que foi feita em estilo e voz próprios, seguindo seu projeto tradutório pessoal que visava à formação da literatura nacional.

Palavras-chave: Machado de Assis. Tradução de poesia. Tradução indireta. Criação literária.

Abstract: Machado de Assis’ poetic translation is always a fruitful object for further studies. In this research, the poem of *The Raven*, by Edgar Allan Poe, its translation by Machado de Assis and the one by Charles Baudelaire were compared, stanza by stanza, in search of similarity or dissimilarities that allow us to verify the hypothesis that Machado had used Baudelaire’s translation as a source text for the indirect translation of the poem. The analysis found support for the theories of Britto (2020) and Lefevre (1975) about poetic translation and the results allow the conclusion that, probably, both Poe’s and Baudelaire’s texts were used by Machado in the translation of *O Corvo*, a translation that was done in his own style and voice, following his personal translation project aimed at the formation of national literature.

Keywords: Machado de Assis. Poetry translation. Indirect translation. Literary

* Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista PDSE/CAPES.

** Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

creation.

Introdução

Machado de Assis era um tradutor de poesia bastante peculiar e introduzia diversas modificações nos poemas que traduzia. No entanto, visto que muitas vezes traduzia com texto intermediário francês, não se pode afirmar que essas modificações eram características suas ou do autor do texto intermediário. O relevante estudo do processo tradutório traria luz sobre essa questão; no entanto, por não haver disponibilidade de paratextos que permitam uma definição, resta o estudo minucioso e comparativo do produto tradutório.

Uma das traduções mais célebres de poesia feitas por Machado é do poema “The Raven”, de Edgar Allan Poe. Contudo, o fato de ser célebre não a torna uma unanimidade; ao contrário, a faz alvo de mais estudo e críticas, tanto positivas quanto negativas.

O poema, publicado inicialmente em 1845, já foi traduzido por diversos autores e para diversas línguas do mundo e ainda desperta interesse literário e acadêmico. Machado de Assis traduziu o poema de Poe em 1883 e, como será demonstrado adiante, há estudiosos que consideram que o texto de partida de Machado de Assis não foi o poema escrito por Poe, mas o traduzido em prosa por Baudelaire em 1853. A motivação para a realização desta pesquisa foi investigar se o exame detalhado da tradução de Machado permite tecer considerações a respeito de proximidade ou distanciamento do texto original e verificar a possibilidade de considerar ou não o texto de Machado uma tradução indireta.

O objetivo do trabalho é, portanto, descrever as alterações lexicais, métricas e semânticas realizadas por Machado de Assis na tradução de

“The Raven” e procurar relacionar essas modificações a um possível texto-fonte na língua francesa ou a seu estilo pessoal de traduzir.

Para isso, será feita inicialmente uma revisão de algumas estratégias para a tradução de poesia e, em seguida, uma análise do poema estrofe a estrofe, cotejando o original, a tradução de Baudelaire, a primeira tradução brasileira por Sant’anna Nery e a tradução de Machado de Assis. Por fim, serão feitas algumas considerações finais sobre o processo de análise e os resultados encontrados. A próxima seção, portanto, tratará de algumas das estratégias para tradução de poesia que configurarão o referencial teórico deste artigo.

Estratégias para tradução de poesia

As dificuldades que se apresentam para a tradução literária são maximizadas quando se trata de tradução de poesia. Segundo Britto (2020, p. 119), há estudiosos que defendem que é impossível traduzir poesia, há aqueles que afirmam que a tradução poética é uma tradução literária como qualquer outra e, em uma posição intermediária, há quem aceite a possibilidade de se traduzir poesia, mas tendo em mente que todas as traduções poéticas são falhas.

A dificuldade da tradução poética reside no fato de que, no poema, todas as características do texto – o conteúdo, a métrica, a rima, o ritmo, as aliterações e assonâncias, a forma como é disposto o texto – podem ser de importância crucial. Cabe ao tradutor definir, para cada poema, o que ele considera como os elementos mais importantes a serem priorizados (BRITTO, 2020, p. 120). A partir dessa seleção, o texto produzido gerará diferentes efeitos.

Ao priorizar os elementos considerados centrais na leitura, o tradutor sacrifica os que foram deixados de lado, visto que não há tradução poética perfeita. Lefevere (1975, p. 42) defende que, ao

concentrar em um aspecto exclusivo do texto-fonte, como a métrica, a fonética ou a rima, pode haver distorção do valor comunicativo e da sintaxe no texto-alvo, produzindo um trabalho com menor valor literário. Britto (2020, p. 50), por sua vez, destaca que nem sempre os aspectos que o tradutor seleciona como mais importantes podem, de fato, ser recriados na língua-alvo – seja por questões linguísticas ou de particularidades culturais.

Sendo assim, podemos presumir que mesmo as boas escolhas em tradução poética são responsáveis por sacrifícios aceitáveis, por serem inerentes ao processo de tradução, desde que seja mantida a coerência com o projeto tradutório.

James Holmes (1988), ao estudar as abordagens tradicionais para a tradução de poesia, observou que elas se dividem em quatro formas, a primeira das quais ele denomina de *forma mimética*, pois reproduz a forma do poema, enfatizando a estranheza de uma forma que muitas vezes não é usada no sistema literário receptor. Assim, permite haver uma dilatação deste sistema literário e seu enriquecimento. A segunda forma, *analógica*, leva em consideração a função do poema em sua tradição literária ou poética em ambas as línguas. Dessa forma, permite a reinterpretação do poema dentro da tradição literária receptora. A terceira forma é a *orgânica*, estabelece uma forma diferente que leva em conta os conteúdos semânticos do texto de partida. Por fim, a forma *desviante* ou *estranha*, um texto traduzido novo em forma e conteúdo, que pouco ou nada lembra o texto de partida.

Para André Lefevere (1975, p. 4), a tradução literária em geral destaca um dos aspectos do texto de partida, não sua totalidade. Desse modo, classifica os textos traduzidos em traduções (subdivididas em seis tipos) ou interpretações (subdivididas em dois tipos). O primeiro tipo de tradução é a *fonêmica*, que reproduz os sons do texto de partida no texto de chegada e funciona bem para nomes próprios, onomatopeias e

palavras etimologicamente relacionadas. O segundo tipo é a tradução *literal*, ou palavra por palavra (e, por extensão, sintaxe por sintaxe). A tradução *métrica* é o terceiro tipo, com fidelidade ao metro do texto de partida e uma abordagem mais livre dos sons e do sentido. O quarto é a tradução de *poesia em prosa*, que não expressa adequadamente o sentido e o valor comunicativo do texto de partida, além de perder importantes elementos como ritmo e métrica. O quinto tipo é a tradução *rítmica*, que foca na rima do texto de partida. Por fim, a tradução em *versos brancos*, ou seja, sem rima, mas com a mesma métrica. A interpretação pode ser do tipo *versão* ou *imitação*. A *versão* apresenta a mesma substância do texto de partida, em uma forma diferente, e a *imitação* é um poema completamente novo, tendo o mesmo tema do texto de partida.

Lefevere critica todos os tipos de tradução (pois não há um modelo perfeito) e prescreve que haja, inicialmente, uma boa compreensão do texto de partida como um todo (LEFEVERE, 1975, p. 101-103). Em seguida, uma atenção ao valor comunicativo e ao sentido do texto, assim como a identificação de marcadores culturais. As tradições literárias de partida e de chegada são de fundamental relevância para a identificação da forma correspondente em ambas as situações. Por fim, Lefevere (1975, p. 103) sugere que a tradução ideal busque a fidelidade ao original no nível geral, mas com tratamento relativamente livre dos detalhes.

Partindo dessas recomendações, a próxima seção analisará os textos de partida e de chegada quanto ao seu autor, conteúdo, contexto, intertextualidades e referências históricas e culturais.

Os vários corvos “The Raven”, de Edgar Allan Poe

O escritor, crítico literário e editor estadunidense Edgar Allan Poe nasceu em Boston, MA, em 19 de janeiro de 1809, de pais atores, e levou uma vida tão inquieta quanto os contos e poemas que o tornaram reconhecido. Mesmo tendo alcançado certo sucesso durante sua vida, esforçava-se para conseguir manter financeiramente sua família, por meio da publicação de suas histórias em revistas e jornais (REAGAN; TANE, 2006, s/p). Faleceu aos 40 anos de idade, em Baltimore, a 7 de outubro de 1849, de causa ignorada.

A constante dificuldade econômica, seu hábito etílico e seu temperamento conflituoso o impediram de atingir o pleno reconhecimento ainda em vida, mas atualmente é considerado o maior escritor Romântico da literatura estadunidense (REAGAN; TANE, 2006, s/p). Suas histórias abordavam com frequência o tema da morte e do luto, possivelmente refletindo suas experiências com a morte da mãe e da esposa. É nesse tema que se insere “The Raven”, publicado em 29 de janeiro de 1845 no jornal novaiorquino *Evening Mirror*.

“The Raven” foi imediatamente aclamado, mas também criticado. Foi republicado 11 vezes no período de 30 dias, o que fez com que fosse incluído em coletâneas do poeta ainda em vida. O poema trata do lamento do narrador por sua amada recém-falecida, Lenore. Durante o luto, recebe a visita de um corvo, com quem tem uma conversa tumultuada sobre a vida após a morte e um possível reencontro com Lenore, que o corvo assegura que nunca acontecerá. A ambientação inicial é sombria e descreve o isolamento e o sofrimento; segue-se um momento de terror psicológico e o final é permeado de desesperança.

Algumas semanas antes da publicação de *The Raven*, Edgar Allan Poe publicou no periódico *Broadway Journal*¹ uma crítica a um livro de poemas de Elizabeth Barrett que incluiu um elogio ao poema “Lady Geraldine’s Courtship”.² Eliza Richards (2005, p. 207), em seu artigo “Outsourcing ‘The Raven’: Retroactive Origins”, informa que críticos afirmam que Poe teria se inspirado no poema de Barrett – mais especificamente, no verso “With a murmurous stir uncertain, in the air, the purple curtain” – para produzir “The Raven”. No entanto, Richards (2005, p. 207) destaca que, ainda que essa informação seja controversa, a metrificação e as rimas internas dos poemas são facilmente correlacionadas, informação essa que teria sido amplamente divulgada pelo próprio poeta ainda em vida.

Além do ritmo, podem-se observar algumas escolhas lexicais de Barrett que se assemelham às de Poe, como o uso de “evermore” (4 ocorrências), “purple” (4 ocorrências), “chamber” (3 ocorrências), “death” (4 ocorrências) e “bird” (3 ocorrências). As semelhanças entre as referidas palavras, usadas também com destaque em “The Raven”, e o ritmo dos poemas é nítida; contudo, o efeito pretendido e alcançado (melancolia, sombra, morte, desilusão) por Poe é bastante diverso de Barrett (amor romântico com final feliz) e é o diferencial de seu poema. Além disso, várias outras obras de diferentes autores influenciaram Poe na escrita de “The Raven”, sendo Barrett apenas uma de suas referências.

Cerca de um ano após a publicação do poema, Poe divulgou um ensaio denominado “Filosofia da Composição”, em que explicava o surgimento do poema, associando-o a uma operação matemática – segundo ele, desde a extensão até questões fonéticas como a

¹ Disponível em: <<https://broadway.dsl.lsu.edu/#/issues/18450111>> Acesso em: 4 set. 2021.

² Disponível em: <<https://americanliterature.com/author/elizabeth-barrett-browning/poem/lady-geraldines-courtship>> Acesso em: 4 set. 2021.

escolha de “Nevermore” para o refrão (FLORES, 2019, p. 360). Há quem considere a consulta ao ensaio de grande valia para aqueles que se aventuram a traduzi-lo.

O poema é tido como a maior obra poética de Poe, tendo sido traduzido para diversas línguas, entre elas o francês, notoriamente sob a pena de Baudelaire.

“Le Corbeau”, o olhar de Charles Baudelaire

Charles-Pierre Baudelaire (1821-1867) foi um escritor, crítico literário e tradutor francês cuja obra mais conhecida é *Les Fleurs du Mal*, conjunto de poemas publicado em 1857 que alcançou notório reconhecimento.³

Baudelaire se identificava com Edgar Allan Poe tanto na vida pessoal, envolta em depressão e regada a vícios, quanto no tom melancólico e sombrio de seus escritos. Além disso, ambos se preocupavam com questões filosóficas e existenciais, o que se refletiu em suas obras e traduções (WELLER, 2014, p 3).

A primeira tradução de “The Raven” para o francês, contudo, não foi aquela publicada por Baudelaire no periódico semanal *L’Artiste*, em 1º de março de 1853. Dois meses antes, em 9 de janeiro de 1853, um artigo sobre Edgar Allan Poe escrito por Auguste Poulet-Malassis, editor do *Journal d’Alençon*, trazia uma tradução para o francês em prosa do referido poema. Sabe-se que o editor não foi o responsável pela tradução, pois no artigo que a precede ele informa que

Antes de ser anunciada a tradução completa de seus *Contos e Ensaios*, um amigo meu teve a gentileza de traduzir para o jornal Alençon o

³ BURTON, Richard D. E. *Charles Baudelaire*. In: Encyclopedia Britannica, 27 Aug. 2021, Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Charles-Baudelaire>>. Acesso em: 2 set. 2021.

pequeno poema *O Corvo*, cujos dados são claros o suficiente para acreditarmos que poderíamos imprimi-lo sem comentários⁴ (POULET-MALASSIS, 1853, p. 2, destaques do autor, tradução nossa).

Baudelaire teve conhecimento de tal tradução antes que a sua fosse publicada, conforme correspondência trocada com seu amigo Poulet-Malassis em dezembro de 1853, que afirmava:

Tenho certeza, por minha própria conta, que você não entendeu o gênio em questão. [...] E além disso, a tradução inserida por você não representa com precisão o significado e o estilo poético do Corvo⁵ (CREPET, 1947, p. 230-1, tradução nossa).

A tradução de Baudelaire não foi isenta de críticas, desde seu formato em prosa até suas substituições lexicais sem correspondência estrita de sentido, como será visto na análise da seção seguinte.

Ainda que a primeira tradução de “The Raven” para o francês não tenha sido publicada por Baudelaire, ele foi, sem dúvida, o responsável por o poema ter alcançado tamanha divulgação e aceitação pelo público e pela crítica, proporcionando a seu autor o reconhecimento mundial. Consequentemente, grande parte das traduções europeias – e, por extensão, brasileiras – se baseou na publicação de Baudelaire do poema de Poe (ALVES, 2015, p. 150).

⁴ Avant que la traduction complète de ses *Contes et Essais* fut annoncée, un de mes amis avait eu l’obligeance de traduire pour le journal d’Alençon le petit poème *Le Corbeau* dont la donnée est assez claire pour que nous croyions pouvoir l’imprimer sans commentaires.

⁵ Je suis certain, pour mon compte, que vous n’avez pas compris le génie en question. [...] Et de plus, la traduction insérée par vous, ne représente pas avec justesse le sens et le style poétique du Corbeau.

A novidade de Frederico José Sant'anna Nery

Frederico José de Sant'anna Nery (1848-1901), brasileiro nascido em Belém e radicado em Paris, foi bacharel em Letras e em Ciências, doutor em Direito e tradutor. Viveu na Europa a partir de 1862, tendo se fixado em Paris em 1874 (BLAKE, 1895, p. 158-159).

Manteve constante contato com o Brasil e escrevia coluna de folhetins de nome “Ver, ouvir e contar”, que foram publicados no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, de 1874 a 1882 (BLAKE, 1895, p. 158-159) ou talvez 1887 (LIMA, 2015, p. 3). Foi nessa seção que saiu, em 16 de janeiro de 1882, a primeira tradução publicada do poema “O Corvo”, de Edgar Allan Poe, também em prosa, bastante próxima à tradução de Baudelaire, cuja comparação permite inferir que provavelmente foi seu texto-fonte.

O correspondente em Paris trazia quinzenalmente novidades culturais (literárias e teatrais, principalmente) e políticas na coluna que era publicada com três a quatro semanas de atraso, com a data em que fora escrita informada no início. Assim, sabe-se que a tradução foi escrita em 23 de dezembro de 1881 e inserida na coluna após duas notícias teatrais e sem apresentar título, nem nome do tradutor.⁶ Sabe-se, no entanto, que Nery assinava a referida coluna no ano da publicação (LIMA, 2015, p. 3).

Ao final, um paratexto informava sobre a obra traduzida, com referência a trecho do próprio poema:

E, enquanto esvoaçavam pela mente esses sonhos terríveis de Edgar Poë, Pariz folgava e divertia-se a despeito das ventanias cerradas do glacial mez de Dezembro. É que Pariz remoça todos os anos. Só nós é

⁶ NERY, Frederico José Sant'anna. Ver, ouvir e contar. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 16 de fevereiro de 1882. Seção Folhetim do Jornal do Commercio. Disponível em <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=709824&Pesq=%22o%20corvo%22&pagfis=276>>. Acesso em: 30 ago. 2021.

que envelhecemos ; nós, sim : tu, amigo leitor, e este pobre chronista que vai encetar o novo anno destes folhetins. Nove anos ! Na imprensa, é um seculo ! (NERY, 1882, p. 1).

“O Corvo”, no estilo de Machado de Assis

Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) foi um escritor, poeta, tradutor, crítico literário carioca que influenciou sobremaneira o modo de ver a literatura e o teatro traduzidos no Brasil no século XIX. Ainda antes de ser consagrado como um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos – quiçá o maior –, já demonstrava interesse no processo tradutório e no potencial poder de delinear a produção de literatura nacional.

O trabalho de Machado de Assis como tradutor vem sendo objeto de estudo desde o século XIX; entretanto, apenas neste século pudemos observar estudos sistematizados e abrangentes sobre as obras que traduziu – como *Machado de Assis: tradutor*, publicado em 2008 por Jean-Michel Massa. A partir daí, essa função de Machado ganhou inúmeros estudos acadêmicos no Brasil e no exterior, como *Machado de Assis: tradutor e traduzido*, organizado por Andréia Guerini, Luana Ferreira de Freitas e Walter Carlos Costa e publicado em 2012 (GUERINI; TORRES; COSTA, 2008).

Especificamente sua tradução de poesia ainda carecia de estudo aprofundado, falha histórica corrigida por Diego Flores (2019) em *Machado de Assis: poeta-tradutor*. Na tese, Flores (2019, p. 363) cita artigo de Abramo (1999, s/p) que sugere que a tradução de Machado partiu do original francês de Baudelaire, sem sequer consultar o original de Edgar Poe. Flores (2019, p. 366-367) critica tal posicionamento, demonstrando

Sem negar essas evidências, acreditamos que há indícios, no plano formal, de que Machado de Assis pode ter também trabalhado com o poema em sua língua original, mais uma vez indicando que o poeta-tradutor estava interessado em ter acesso ao poema por outras vias, quando possível (FLORES, 2019, p. 366-367).

A tradução de Machado para “The Raven” obteve elogios e críticas. Cláudio Abramo (1999, s/p) caracteriza o trabalho como uma “infelicidade”; já Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1958, p. 103) o exalta:

Conserva magnificamente as qualidades que nos seduzem no texto inglês. E, para isso, era necessária uma verdadeira reelaboração poética, em face das diferenças fundamentais entre a língua do autor e a do tradutor (CÂMARA JR, 1958, p. 103).

Tal disparidade de recepções motivou o interesse no estudo analítico do poema “O Corvo”, tradução de Machado para “The Raven”.

A tradução indireta

Laura Ivaska (2020) conceitua a tradução indireta como “a tradução baseada em um texto (ou textos) além de (somente) o texto-fonte original” (IVASKA, 2020, p. 19, tradução nossa).⁷ No âmbito dos estudos da tradução, a terminologia envolve tanto o processo quanto seu produto e pode abranger diversos hipônimos, pois várias são as modalidades de tradução indireta.

As modalidades podem ser classificadas tomando como critérios: (i) o número de textos intermediários; (ii) o número de línguas intermediárias; (iii) a escolha das línguas intermediárias; (iv) o grau da tradução indireta (quantos graus a tradução estudada está distante do texto-fonte original); (v) o quão exposto está o fato de ser tradução

⁷ A translation based on a text (or texts) other than (only) the ultimate source text (ST) (IVASKA, 2020, p. 19).

indireta (oculto ou aberto); e (vi) o estado, no âmbito de pesquisas (foi ou não pesquisado e comprovado que é tradução indireta).

Dentro dessas características, é importante determinar se a tradução foi *compiladora*, ou seja, se teve mais de um texto-fonte. Diversos tradutores, especialmente em pares de línguas menos traduzidas ou em línguas periféricas no polissistema tradutório, optam por basear-se em mais de um texto-fonte, na mesma língua ou em línguas diferentes, podendo consultar também o original (ocasional ou regularmente).

No caso da tradução de Machado de Assis para “The Raven”, alguns autores defendem que a tradução foi realizada a partir de uma tradução para o francês de Baudelaire, evidenciada por dois motivos, sendo o primeiro o fato de Machado não ser fluente em inglês e o segundo, o fato de haver semelhanças próximas entre o texto de Machado e o de Baudelaire (ABRAMO, 1999, s/p). Este artigo busca, com sua análise comparativa da próxima seção, confirmar ou refutar o segundo argumento.

Jean-Michel Massa (1961, p. 218-224) informa que havia, na biblioteca de Machado de Assis, 144 obras de autores de língua inglesa, sendo 44 traduções para o francês ou o português e 100 em inglês, dentre as quais se destacam as obras completas de Edgar Allan Poe, editadas por John Ingram em 1890. Além disso, traduziu obras de Longfellow e citou em algumas de suas obras trechos menos conhecidos das obras de Shakespeare, inclusive na própria língua inglesa – por exemplo, no prólogo de *Ressureição*, seu primeiro romance publicado. Infere-se, a partir daí, que Machado era leitor da língua inglesa e que apreciava a leitura de Poe, como sustenta Massa (2008) ao escrever que “aos vinte e sete anos, seja por prazer, seja por necessidade profissional, Machado de Assis lia em inglês” (MASSA, 2008, p. 53).

No entanto, essa constatação não é suficiente para se afirmar que o texto-fonte de Machado para a tradução de “The Raven” foi o texto original de Poe. A leitura de Machado em língua francesa era mais fluente e mais frequente, visto que a França, à época, compunha grande parte do modelo cultural e literário para o Brasil. Além disso, a maior parte das traduções no Brasil logo após a independência se fazia de autores franceses ou de obras traduzidas indiretamente do francês (BARBOSA; WYLER, 2009, p. 341).

As duas possibilidades, portanto, são plausíveis: tanto a de que Machado fez a tradução indireta de “The Raven” a partir do texto-fonte de Baudelaire, quanto a de que ele consultou diretamente o texto de Poe.

Na seção que se segue, será feita a análise de cada estrofe da tradução de Machado de Assis para “The Raven” e seu cotejamento com o texto original de Edgar Allan Poe e o texto que supostamente tenha servido de fonte para a tradução de Machado, traduzido por Baudelaire.

Análise comparativa

<i>THE RAVEN</i>	<i>LE CORBEAU</i>	<i>O CORVO</i>
Poe	Baudelaire	Machado
1845, New York Evening Mirror	1853, L'Artiste (01/02/1953)	1883, A Estação (28/02/1883)

<p>Once upon a midnight dreary, while I pondered, weak and weary, Over many a quaint and curious volume of forgotten lore— While I nodded, nearly napping, suddenly there came a tapping, As of some one gently rapping, rapping at my chamber door. 'Tis some visitor, I muttered, tapping at my chamber door— Only this and nothing more.</p>	<p>Une fois, sur le minuit lugubre, pendant que je méditais, faible et fatigué, sur maint précieux et curieux volume d'une doctrine oubliée, pendant que je donnais de la tête, presque assoupi, soudain il se fit un tapotement, comme de quelqu'un frappant doucement, frappant à la porte de ma chambre. "C'est quelque visiteur, — murmurai-je, — qui frappe à la porte de ma chambre ; ce n'est que cela, et rien de plus."</p>	<p>Em certo dia, á hora, á hora Da meia-noite que apavora, Eu, cahindo de somno e exausto de fadiga, Ao pé de muita lauda antiga, De uma velha doutrina, agora morta. La pensando, quando ouvi á porta Do meu quarto um soar devagarinho, E disse estas palavras taes: É alguem que me bate á porta de mansinho; "Hade ser isso, e nada mais."</p>
---	---	---

Na primeira estrofe, destaca-se a opção de Machado por dividir os versos e, ainda assim, atentar para as rimas internas do poema (dreary/weary e hora/apavora), presentes apenas no texto de Poe, e não no de Baudelaire. Nesse trecho, as alterações que mais se destacam na tradução de Machado com relação ao texto-fonte são: “meia-noite que apavora” para “midnight dreary” – onde “dreary” pode ser mais apropriadamente traduzido por “melancólico”, mais próximo da opção de Baudelaire, “lugubre”; “visitor”, que foi traduzido por Baudelaire como “visiteur” e por Machado como “alguém”, eliminando o visitante e recorrendo ao “some one” do verso precedente; e “’Tis [...] only this”, que para Baudelaire se torna “ce n’est que cela” e, para Machado, “Hade ser isso”. Há em Machado, ainda, a perda da noção de que o eu-lírico está no quarto, presente em Poe e Baudelaire (“chamber” / “chambre”).

Nota-se aqui, ainda, alteração no estilo no sentido da opção por termos mais coloquiais na tradução de Machado, como “ao pé de muita lauda antiga” e “um soar devagarinho”.

Pode-se perceber que as alterações semânticas e de tempos verbais acima citadas são próprias da tradução de Machado, e não inspiradas no texto de Baudelaire. A única modificação que aproxima o texto de Machado do de Baudelaire é a opção por “doutrina agora morta” / “doctrine oubliée” na tradução de “forgotten lore”.

<p>Ah, distinctly I remember it was in the bleak December; And each separate dying ember wrought its ghost upon the floor. Eagerly I wished the morrow;—vainly I had sought to borrow From my books surcease of sorrow— sorrow for the lost Lenore— For the rare and radiant maiden whom the angels name Lenore— Nameless here for evermore.</p>	<p>Ah ! distinctement je me souviens que c'était dans le glacial décembre, et chaque tison brodait à son tour le plancher du reflet de son agonie. Ardemment je désirais le matin ; en vain m'étais-je efforcé de tirer de mes livres un sursis à ma tristesse, ma tristesse pour ma Lénore perdue, pour la précieuse et rayonnante fille que les anges nomment Lénore, — et qu'ici on ne nommera jamais plus.</p>	<p>Ah! bem me lembro! bem me lembro! Era no glacial Dezembro; Cada braza do lar sobre o chão reflectia A sua ultima agonia. Eu, ansioso pelo sol, buscava Saccar daquelles livros que estudava Repouso (em vão!) á dôr esmagadora Destas saudades immortaes Pela que ora nos céus anjos chamam Lenora, E que ninguem chamará mais.</p>
--	---	---

Na segunda estrofe, a opção de Baudelaire por traduzir “wrought” por “brodait” demonstra sua opção por um dos significados possíveis da palavra (“bordado”), ao invés de “forjado”, que talvez fosse a opção principal. Tal alteração não foi propagada pelas traduções em português. Weller (2014, p. 10) afirma, com esse exemplo, que Baudelaire apresentava mais identificação com o autor e domínio da temática do poema que conhecimento da língua-fonte.

Modificações de Machado com paralelo no texto de Baudelaire incluem a opção por “glacial” e “reflectia a sua ultima agonia”; sem paralelo incluem “ancioso pelo sol” para “eagerly I wished the morrow”. Entretanto, as mais relevantes alterações nessa estrofe são a omissão da repetição do nome da amada “Lenore” e da palavra “sorrow” e a omissão do dístico “here”, traduzido por Baudelaire como “ici”, e a inclusão de ênfase com ponto de exclamação e parênteses em “(em vão!)” na tradução de “vainly”.

<p>And the silken, sad, uncertain rustling of each purple curtain Thrilled me—filled me with fantastic ter- rors never felt before; So that now, to still the beating of my heart, I stood repeating 'Tis some visitor en- treating entrance at my chamber door— Some late visitor en- treating entrance at my chamber door;— This it is and nothing more.</p>	<p>Et le soyeux, triste et vague bruissement des rideaux pourprés me pénétrait, me remplis- sait de <u>terreurs fan- tastiques</u>, inconnues pour moi jusqu'à ce jour ; si bien qu'enfin, pour apaiser le batte- ment de mon cœur, je me dressai, répétant: C'est quelque visiteur qui sollicite l'entrée à la porte de ma chambre, quelque visiteur attardé sollicitant l'entrée à la porte de ma chambre ; — c'est cela même, et rien de plus.</p>	<p>E o rumor triste, vago, brando Das cortinas ia acor- dando Dentro em meu co- ração um rumor não sabido Nunca por elle pade- cido. Emfim, por applacal-o aqui no peito, Levanti-me de prompto, e: “Com ef- feito, (Disse) é visita amiga e retardada “Que bate a estas horas taes. “É visita que pede á minha porta entrada: “Ha de ser isso e nada mais.”</p>
--	--	---

Na estrofe acima, Baudelaire opta por traduzir “thrilled” por “pénétrait”. Machado tem uma alternativa distante de todos, utilizando “acordando” ao modificar o surgimento do “rumor”. Ao construir essa estrutura, há uma modalização e uma atenuação com relação ao léxico original, “terrors” (“terreurs” em Baudelaire e “terrores” em Nery). O

que, para Abramo (1999, s/p) motiva a condenação da tradução de Baudelaire devido ao que ele denomina “erros”, para Weller (2014, p. 11) é a consagração da tradução de Baudelaire. Em seu texto, a autora afirma que é melhor ler Poe em francês que em inglês, pois a tradução de Baudelaire que o consagrou no meio literário francês eliminou diversas falhas, como a aliteração excessiva e a profusão de idiosincrasias gramaticais que causam estranhamento ao leitor anglófono (p. ex., as inversões de sujeito e verbo) (WELLER, 2014, p. 11).

Abramo (1999, s/p) critica, da mesma forma, o uso da construção “Levantei-me de prompto” por Machado de Assis, afirmando que se trata de erro oriundo da tradução de Baudelaire. Como se lê no quadro acima, Baudelaire traduz “I stood repeating” por “je me dressai, répétant”, que tem o sentido em português bem próximo de “ergui-me repetindo” nas palavras de Nery, e não algo como “ergui-me de repente”. Assim sendo, argumenta-se que não houve nem erro de Baudelaire, nem cópia de Machado nessa passagem do poema.

A alteração relevante que Machado propõe na sua tradução é o apagamento das cortinas “purpúreas”, sendo que a opção por “purple” faz parte da inspiração de Poe para o poema a partir do verso de Elizabeth Barrett, conforme já mencionado anteriormente.

<p>Presently my soul grew stronger; hesitat- ing then no longer, Sir, said I, or Madam, truly your forgiveness I implore; But the fact is I was napping, and so gently you came rapping, And so faintly you came tapping, tap- ping at my chamber door, That I scarce was sure I heard you—here I opened wide the door;— Darkness there and nothing more.</p>	<p>Mon âme en ce mo- ment se sentit plus forte. N'hésitant donc pas plus longtemps: Monsieur, — dis-je, — ou madame, en vérité j'implore votre pardon ; mais le fait est que je sommeil- lais, et vous êtes venu frapper si doucement, si faiblement vous êtes venu taper à la porte de ma chambre, qu'à peine étais-je certain de vous avoir enten- du. Et alors j'ouvris la porte toute grande ; — les ténèbres, et rien de plus !</p>	<p>Minh'alma então sentiu- -se forte; Não mais vacillo e desta sorte Fallo: “Imploro de vós, — ou senhor ou senhora, “Me desculpeis tanta demora. “Mas como eu, precisa- do de descanso, “Já cochilava, e tão de manso e manso “Batestes, não fui logo, prestemente, “Certificar-me que ahi estaes.” Disse; a porta escancaro, acho a noite sómente, Sómente a noite, e nada mais.</p>
--	--	--

Na quarta estrofe, destaca-se novamente a omissão da repetição de “tapping” e de “so [...] you came” presente na tradução de Machado, e não na de Baudelaire. Uma dessas repetições foi compensada com a repetição de “manso e manso”.

<p>Deep into that darkness peering, long I stood there wondering, fearing, Doubting, dreaming dreams no mortal ever dared to dream before; But the silence was unbroken, and the stillness gave no token, And the only word there spoken was the whispered word, Lenore? This I whispered, and an echo murmured back the word, Lenore!— Merely this and nothing more.</p>	<p>Scrutant profondément ces ténèbres, je me tins longtemps plein d'étonnement, de crainte, de doute, rêvant des rêves qu'aucun mortel n'a jamais osé rêver ; mais le silence ne fut pas troublé, et l'immobilité ne donna aucun signe, et le seul mot proféré fut un nom chuchoté: Lénore ! — C'était moi qui le chuchotais, et un écho à son tour murmura ce mot: Lénore ! — Purement cela, et rien de plus.</p>	<p>Com longo olhar, escruto a sombra, Que me amedronta, que me assombra, E sonho o que nenhum mortal ha já sonhado, Mas o silencio amplo e calado, Calado fica; a quietação quieta; Só tu, palavra unica e dilecta, Lenora, tu, como um suspiro escasso, Da minha triste bocca saes; E o écho, que te ouviu, murmurou-te no espaço; Foi isso apenas, nada mais.</p>
---	---	--

Nessa estrofe, mais uma vez surge a omissão da repetição do nome da amada, compensada pela repetição de “amplo e calado / Calado fica” e de “quietação quieta”. Há uma mudança semântica de “wondering” para “plein d'étonnement” por Baudelaire, não replicada por Machado, que opta pelo mais distante “amedronta”.

<p>Back into the chamber turning, all my soul within me burning, Soon again I heard a tapping somewhat louder than before. Surely, said I, surely that is something at my window lattice; Let me see, then, what thereat is, and this mystery explore— Let my heart be still a moment and this mystery explore;— 'Tis the wind and nothing more!</p>	<p>Rentrant dans ma chambre, et sentant en moi toute mon âme incendiée, j'entendis bientôt un coup un peu plus fort que le premier. Sûrement, — dis-je, — sûrement, il y a quelque chose aux jalousies de ma fenêtre ; voyons donc ce que c'est, et explorons ce mystère. Laissons mon cœur se calmer un instant, et explorons ce mystère ; — c'est le vent, et rien de plus.</p>	<p>Entro co' a alma incendiada. Logo depois outra pancada Sôa um pouco mais forte; eu, voltando-me, digo: “Seguramente, ha no postigo “Alguma coisa que sussurra. Abramos. “Eia, fóra o temor, eia, vejamos “A explicação do caso misterioso “D’essas duas pancadas taes. “Devolvamos a paz ao coração medroso, “Obra do vento, e nada mais.”</p>
---	---	---

A sexta estrofe traz uma relevante liberdade tomada por Machado ao traduzir “Let my heart be still” por “Eia, fora o temor, eia” – mudança ausente na tradução de Baudelaire. Por outro lado, há a alteração semântica de “tapping” para “coup” proposta por Baudelaire e replicada por Machado como “pancada” e o acréscimo de “[alguma coisa] que sussurra” feito por Machado e sem correspondente em Baudelaire ou em Poe.

<p>Open here I flung the shutter, when, with many a flirt and flutter, In there stepped a stately Raven of the saintly days of yore; Not the least obeisance made he; not a minute stopped or stayed he; But, with mien of lord or lady, perched above my chamber door— Perched upon a bust of Pallas just above my chamber door— Perched, and sat, and nothing more.</p>	<p>Je poussai alors le volet, et, avec un tumultueux battement d'ailes, entra un majestueux corbeau digne des anciens jours. Il ne fit pas la moindre révérence, il ne s'arrêta pas, il n'hésita pas une minute ; mais, avec la mine d'un lord ou d'une lady, il se percha au-dessus de la porte de ma chambre ; il se percha sur un buste de Pallas juste au-dessus de la porte de ma chambre ; — il se percha, s'installa, et rien de plus.</p>	<p>Abro a janella, e de repente, Vejo tumultuosamente Um régio corvo entrar, digno de antigos dias. Sem demorar-se em cortesias, Sem parar um instante, com o aspecto De um lord ou de uma lady, circumspecto, Movendo no ar as suas negras alas, Acima voa dos portaes, Trepa, no alto da porta, em um busto de Pallas; Trepado fica, e nada mais.</p>
---	--	---

Na análise dessa estrofe, Abramo (1999, s/p) avalia ser um acréscimo de Baudelaire replicado por Machado o fato de retratarem a entrada do corvo no quarto como “tumultueux / tumultuosamente”. Entretanto, pode-se argumentar que a entrada “with many a flirt and flutter” pode ser considerada tumultuada, pelo que pode ser considerada uma evidente alteração linguística, mas não necessariamente semântica.

Seguindo Baudelaire, Machado omite a tradução de “saintly”. A mudança de Machado, usando “um instante”, quando Poe usa “a minute” e Baudelaire, “une minute”, tem pouca relevância semântica. Por outro lado, usar “trepa” no lugar de “perched” é uma alteração considerável, própria do linguajar coloquial que Machado usa em todo o texto – outro exemplo se encontra em “sem demorar-se em cortesias” na tradução de “not the least obeisance made he”, que conta com registro formal e antigo e com a inversão de ordem sintática no original.

A omissão de que se trata da porta do quarto é compensada pelo contexto intratextual.

<p>Then this ebony bird beguiling my sad fancy into smiling, By the grave and stern decorum of the coun- tenance it wore, Though thy crest be shorn and shaven, thou, I said, art sure no craven, Ghastly grim and an- cient Raven wander- ing from the Nightly shore— Tell me what thy lordly name is on the Night's Plutonian shore! Quoth the Raven Ne- vermore.</p>	<p>Alors cet oiseau d'ébè- ne, par la gravité de son maintien et la sévérité de sa physionomie, in- duisant ma triste imagi- nation à sourire: Bien que ta tête, — lui dis- -je, — soit sans huppe et sans cimier, tu n'es certes pas un poltron, lugubre et ancien cor- beau, voyageur parti des rivages de la nuit. Dis-moi quel est ton nom seigneurial aux rivages de la Nuit plu- tonienne ! Le corbeau dit: Jamais plus !</p>	<p>Deante da ave feia e es- cura, Naquella rigida postura, Com o gesto severo, o triste pensamento Sorriu-me alli por um momento, E eu disse: “Ó tu que das nocturnas plagas “Vens, medroso não és, posto não tragas “Poupa e cimeira, ó cor- vo aborrecido; “Dize os teus nomes se- nhoriaes; “Como te chamas tu na terra em que has nas- cido? E o corvo disse; — “Nunca mais!”</p>
---	---	--

A oitava estrofe destaca a caracterização do corvo, que Poe afirma ser “ghastly grim and ancient”; Baudelaire traduz como “lugubre et ancien” e Machado, como “feia” e “aborrecido”, divididos no começo e no meio da estrofe. Além disso, a referência à noite plutoniana é omitida e substituída por “na terra em que has nacido”, com um ponto de interrogação que substitui a exclamação no original e na tradução de Baudelaire.

Cumprе ressaltar, contudo, que essa opção está presente apenas na primeira publicação da tradução de Machado no periódico *A Estação* (1883); na publicação que consta no livro *Poesias completas* (1901), organizado por Machado, o verso foi alterado para

“na grande noite umbrosa” – mantendo a omissão da referência a Plutão (ASSIS, 1901, p. 302).⁸

<p>Much I marvelled this ungainly fowl to hear discourse so plainly, Though its answer little meaning—little relevancy bore; For we cannot help agreeing that no living human being Ever yet was blessed with seeing bird above his chamber door— Bird or beast upon the sculptured bust above his chamber door, With such name as Nevermore.</p>	<p>Je fus émerveillé que ce disgracieux volatile entendît si facilement la parole, bien que sa réponse n’eût pas un bien grand sens et ne me fût pas d’un grand secours ; car nous devons convenir que jamais il ne fut donné à un homme vivant de voir un oiseau au-dessus de la porte de sa chambre, un oiseau ou une bête sur un buste sculpté au-dessus de la porte de sa chambre, se nommant d’un nom tel que Jamais plus !</p>	<p>Vendo que o passaro entendia A pergunta que lhe eu fazia, Fico attonito, embora a resposta que déra Difficilmente lh’a entendera. Na verdade, jámais homem ha visto Cousa na terra semelhante a isto: Uma ave negra, friamente posta N’um busto, acima dos portaes, Ouvir uma pergunta e dizer-lhe em resposta Que este é seu nome: <i>Nunca mais!</i></p>
--	--	--

Na análise da nona estrofe, Abramo (1999, s/p) sentencia que “M. praticamente copia as adições e erros de B.”, do que esta análise discorda. Os acréscimos de Machado constituem o trecho “Ouvir uma pergunta e dizer-lhe em resposta”, que é subentendido pelo dito anteriormente na mesma estrofe, e “friamente posta”, este, sim, sem correspondência.

Machado omite alguns termos, como “or beast”, presente na tradução de Baudelaire como “ou une bête”, e “was blessed”, também ausente em Baudelaire. Importante alteração semântica se dá em usar

⁸ ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5229>>. Acesso em 08 set. 2021.

“attonito” para traduzir o estado do eu-lírico descrito por Poe como “[Much I] marvelled” e por Baudelaire como “émerveillée”, mais uma vez evidenciando que Machado, na maior parte das vezes, não segue de perto o texto de Baudelaire.

<p>But the Raven, sitting lonely on the placid bust, spoke only That one word, as if his soul in that one word he did outpour. Nothing farther then he uttered—not a feather then he fluttered— Till I scarcely more than muttered “Other friends have flown before— On the morrow he will leave me, as my Hopes have flown before. Then the bird said Nevermore.</p>	<p>Mais le corbeau, perché solitairement sur le buste placide, ne proféra que ce mot unique, comme si dans ce mot unique il répandait toute son âme. Il ne prononça rien de plus ; il ne remua pas une plume, — jusqu’à ce que je me prisse à murmurer faiblement : D’autres amis se sont déjà envolés loin de moi ; vers le matin, lui aussi, il me quittera comme mes anciennes espérances déjà envolées. L’oiseau dit alors: Jamais plus !</p>	<p>No entanto, o corvo solitário Não teve outro vocabulário, Como se essa palavra escassa que ali disse Toda a sua alma resumissem. Nenhuma outra proferiu, nenhuma, Não chegou a mexer uma só pluma, Até que eu murmurei: – “Perdi outr’ora “Tantos amigos tão leaes! “Perderei também este em regressando a auro- ra.” E o corvo disse: – Nunca mais!”</p>
---	---	--

Na estrofe acima, a opção de Machado é pela omissão de “on the placid bust” (pouca relevância semântica, visto que pode ser inferido pelo contexto) e de “Hopes” (grande relevância semântica e estilística, dada a personificação), ambos os trechos presentes na tradução de Baudelaire. Há alterações como a de “Other friends” / “D’autres amis” para “Tantos amigos” e de “the Bird” / “L’oiseau” para o corvo.

<p>Startled at the stillness broken by reply so aptly spoken, Doubtless, said I, what it utters is its only stock and store Caught from some unhappy master whom unmerciful Disaster Followed fast and followed faster till his songs one burden bore— Till the dirges of his Hope that melancholy burden bore Of ‘Never—nevermore’.</p>	<p>Tressaillant au bruit de cette réponse jetée avec tant d’à-propos: Sans doute, — dis-je, — ce qu’il prononce est tout son bagage de savoir, qu’il a pris chez quelque maître infortuné que le Malheur impitoyable a poursuivi ardemment, sans répit, jusqu’à ce que ses chansons n’eussent plus qu’un seul refrain, jusqu’à ce que le De profundis de son Espérance eût pris ce mélancolique refrain: Jamais, jamais plus !</p>	<p>Estremeço. A resposta ouvida É tão exacta! é tão cabida! “Certamente, digo eu, essa é toda a sciencia “Que elle trouxe da convivência “De algum mestre infeliz e acabrunhado “Que o implacavel destino ha castigado “Tão tenaz, tão sem pausa, nem fadiga, “Que dos seus cantos usuaes “Só lhe ficou, na amarga e ultima cantiga, “Esse estribilho: — <i>Nunca mais.</i>”</p>
--	--	--

Na décima primeira estrofe, Baudelaire altera o texto ao traduzir “startled” por “tressaillant”, pois, apesar de estarem no mesmo campo semântico de “aterrorizar”, não se pode falar em correspondência exata. Machado modaliza a proposta de Baudelaire e resume em uma palavra/frase, “Estremeço.” Além disso, acrescenta duas frases com ponto de exclamação com correspondência semântica, mas não estilística com o original e a tradução de Baudelaire.

Machado apaga o fardo de “burden”, seguindo Baudelaire, e, mais uma vez, apaga “Hopes” (“Espérance”, para Baudelaire) e acrescenta “[infeliz e] acabrunhado” ao “unhappy” de Poe. O “mélancolique refrain” de Baudelaire, tradução para “melancholy burden” de Poe, vira “amarga e última cantiga / Esse estribilho”, um acréscimo semântico e estilístico ímpar.

<p>But the Raven still beguiling all my fancy into smiling, Straight I wheeled a cushioned seat in front of bird, and bust and door; Then, upon the velvet sinking, I betook myself to linking Fancy unto fancy, thinking what this ominous bird of yore— What this grim, ungainly, ghastly, gaunt, and ominous bird of yore Meant in croaking Nevermore.</p>	<p>Mais, le corbeau induisant encore toute ma triste âme à sourire, je roulai tout de suite un siège à coussins en face de l'oiseau et du buste et de la porte ; alors, m'enfonçant dans le velours, je m'appliquai à enchaîner les idées aux idées, cherchant ce que cet augural oiseau des anciens jours, ce que ce triste, disgracieux, sinistre, maigre et augural oiseau des anciens jours voulait faire entendre en croassant son Jamais plus !</p>	<p>Segunda vez, nesse momento, Sorriu-me o triste pensamento; Vou sentar-me defronte ao corvo magro e rudo; E mergulhando no vellido Da poltrona que eu mesmo alli trouxera Achar procuro a lugubre chimera, A alma, o sentido, o pávido segredo Daquellas syllabas factaes, Entender o que quiz dizer a ave do medo Grasnando a phrase: — Nunca mais.</p>
--	---	--

A análise de Abramo (1999, s/p) para essa estrofe critica o uso de “chimera” por se tratar de “um misto de cabra e serpente (e leão, conforme algumas narrativas)” (ABRAMO, 1999, s/p). Entretanto, na época da escrita de Machado, “chimera” tinha também o sentido de “produto da imaginação”, que provavelmente foi o sentido que Machado quis obter com o seu uso (“lugubre chimera” seria o “ominous bird of yore”). Está claro que houve grande alteração semântica não só neste verso, mas em toda a estrofe, com acréscimos (“magro e rudo”, “da poltrona que eu mesmo ali trouxera”), omissão da repetição de “ominous bird of yore”, com alteração para “ave do medo”.

Nessa estrofe, a tradução de Machado é bastante livre e não se aproxima da de Baudelaire, ainda que mantenha a ideia do original em vista.

<p>This I sat engaged in guessing, but no syllable expressing To the fowl whose fiery eyes now burned into my bosom's core;</p> <p>This and more I sat divining, with my head at ease reclining On the cushion's velvet lining that the lamp-light gloated o'er, But whose velvet-violet lining with the lamp-light gloating o'er, She shall press, ah, nevermore!</p>	<p>Je me tenais ainsi, rêvant, conjecturant, mais n'adressant plus une syllabe à l'oiseau, dont les yeux ardents me brûlaient maintenant jusqu'au fond du cœur ; je cherchais à deviner cela, et plus encore, ma tête reposant à l'aise sur le velours du coussin que caressait la lumière de la lampe, ce velours violet caressé par la lumière de la lampe que sa tête, à Elle, ne pressera plus, — ah ! jamais plus !</p>	<p>Assim posto, devaneando, Meditando, conjecturando, Não lhe fallava mais; mas, se lhe não fallava, Sentia o olhar que me abrasava. Conjecturando fui, tranquillo, a gosto, Com a cabeça no macio encosto Onde os raios da lampada cahiam Onde as tranças angelicaes De outra cabeça outr'ora alli se desparziam, E agora não se esparzem mais.</p>
--	--	--

Na décima terceira estrofe, Machado omite a repetição de “velvet(-violet) lining (with) the lamp-light gloat(ing) o'er” e a compensa em “não lhe falava”. Altera levemente o sentido de “cushion’s velvet lining” para “macio encosto” e acrescenta informação semântica com “tranças angelicaes” para substituir a amada que pressionava a almofada. Além disso, suprime a informação de [que o olhar do corvo abrasava] “into my bosom’s core”. Todas essas alterações não são secundárias a propostas de Baudelaire, que se mantém mais próximo ao texto de Poe nas opções lexicais, apesar de acrescentar “sa tête” na informação de que é a cabeça de Lenore que não pressionará mais a almofada, que pode ser considerada uma explicitação, já que estava implícita.

<p>Then, methought, the air grew denser, perfumed from an unseen censer Swung by Seraphim whose foot-falls tinkled on the tufted floor. Wretch, I cried, thy God hath lent thee— by these angels he hath sent thee Respite—respite and nepenthe from thy memories of Lenore; Quaff, oh quaff this kind nepenthe and forget this lost Lenore! Quoth the Raven Nevermore.</p>	<p>Alors il me sembla que l'air s'épaississait, parfumé par un encensoir invisible que balançaient des séraphins dont les pas frôlaient le tapis de la chambre. Infortuné ! — m'écrai-je, — ton Dieu t'a donné par ses anges, il t'a envoyé du répit, du répit et du népenthès dans tes souvenirs de Lénore ! Bois, oh ! bois ce bon népenthès, et oublie cette Lénore perdue ! Le corbeau dit: Jamais plus !</p>	<p>Supuz então que o ar, mais denso, Todo se enchia de um incenso, Obra de serafins invisíveis no espaço, Que agitavam, com leve braço, Um ligeiro thuribulo invisível; E eu exclamei então: — “Um Deus sensível “Manda repouso á dor que te devora “Dessas saudades immortaes. “Eia, esquece, eia, olvida essa extincta Lenora. E o corvo disse: “Nunca mais.”</p>
--	---	--

Na décima quarta estrofe, há alterações semânticas em “perfumed from an unseen censer”, que se torna “Todo se enchia de um incenso” na pena de Machado – e o “unseen” vira “invisíveis”, mas se referindo aos serafins e repetido em “invisível”, no acréscimo de “thuribulo”. Tal acréscimo é discreto, do ponto de vista semântico, pois está no campo semântico de “incenso”. Ambas as alterações não encontram reflexo no texto de Baudelaire.

As alterações mais importantes se dão em “lost Lenore”, que se torna “extincta Lenora” em Machado, mas não em Baudelaire (“Lénore perdue”); e na omissão de “quaff this kind nepenthe”, que se torna “manda repouso á dor que te devora”, mas sem especificar que o seria devido à ingestão de nepentes. Baudelaire mantém “Bois, oh! bois ce bon népenthès”. A repetição de “Quaff, oh quaff” é convertida por Machado em “Eia, esquece, eia”, mais coloquial.

<p>Prophet! said I, thing of evil!—prophet still, if bird or devil!—</p> <p>Whether Tempter sent, or whether tempest tossed thee here ashore,</p> <p>Desolate yet all undaunted, on this desert land enchanted—</p> <p>On this home by Horror haunted—tell me truly, I implore—</p> <p>Is there—is there balm in Gilead?—tell me—tell me, I implore!</p> <p>Quoth the Raven Nevermore.</p>	<p>Prophète ! — dis-je, — être de malheur ! oiseau ou démon,</p> <p>mais toujours prophète ! que tu sois un envoyé du Tentateur, ou que la tempête t’ait simplement échoué, naufragé, mais encore intrépide,</p> <p>sur cette terre déserte, ensorcelée, dans ce logis par l’Horreur hanté, — dis-moi sincèrement, je t’en supplie, existe-t-il, existe-t-il ici un baume de Judée ?</p> <p>Dis, dis, je t’en supplie ! Le corbeau dit: Jamais plus !</p>	<p>“Propheta, ou o que quer que sejas!</p> <p>“Ave ou demonio que negrejas!</p> <p>“Propheta sempre, escuta: – Ou venhas tu do inferno,</p> <p>“Onde reside o mal eterno,</p> <p>“Ou simplesmente, naufragado escapado,</p> <p>“Venhas do temporal que te ha lançado</p> <p>“Nesta casa onde o Horror, o Horror profundo</p> <p>“Tem os seus lares triumphaes,</p> <p>“Dize-me: existe acaso um balsamo no mundo?</p> <p>E o corvo disse: – “Nunca mais.”</p>
--	--	--

Na estrofe acima, há uma reestruturação dos dois primeiros versos e omissão de um verso (“Desolate yet all undaunted, on this desert land enchanted”) e da especificação do bálsamo (“Gilead” / “Judée”), além do acréscimo de “Horror profundo” como repetição e ênfase na tradução de Machado, mas não na de Baudelaire. “Tempter” vira “Tentateur” com Baudelaire e “demônio” com Machado, em uma clara alteração de nuance semântica e estilística, também pela falta da letra maiúscula.

<p>Prophet! said I, thing of evil!—prophet still, if bird or devil!</p> <p>By that Heaven that bends above us—by that God we both adore—</p> <p>Tell this soul with sorrow laden if, within the distant Aidenn,</p> <p>It shall clasp a sainted maiden whom the angels name Lenore—</p> <p>Clasp a rare and radiant maiden whom the angels name Lenore.</p> <p>Quoth the Raven Nevermore.</p>	<p>Prophète ! — dis-je, — être de malheur ! oiseau ou démon ! toujours prophète ! par ce Ciel tendu sur nos têtes, par ce Dieu que tous deux nous adorons, dis à cette âme chargée de douleur si, dans le Paradis lointain, elle pourra embrasser une fille sainte que les anges nomment Lénore, embrasser une précieuse et rayonnante fille que les anges nomment Lénore. Le corbeau dit: Jamais plus !</p>	<p>“Propheta, ou o que quer que sejas!</p> <p>“Ave ou demonio que negrejas!</p> <p>“Propheta sempre, escuta, atende, escuta, atende!</p> <p>“Por esse céu que alem se estende,</p> <p>“Pelo Deus que ambos adoramos, falla,</p> <p>“Dize a est’alma se é dado inda abraçal-a;</p> <p>No Eden celeste, a virgem que ella chora</p> <p>“Nestes retiros sepulchraes,</p> <p>“Essa que ora nos ceus anjos chamam Lenora!”</p> <p>E o corvo disse: “Nunca mais.”</p>
--	---	--

Nessa estrofe, Machado mantém a consistência da reestruturação dos dois primeiros versos, repetindo, como fez Poe, o início da estrofe anterior. A tradução brasileira acrescenta “escuta, atende, escuta, atende”, repetição que, apenas estilisticamente, tenta compensar a falta da repetição do nome “Lenore” e da qualificação de “maiden”. Aqui “sainted maiden” vira “virgem”, em uma significação aproximada, no que esta análise também diverge de Abramo (1999, s/p), que abre espaço para considerá-la “plausivelmente equivocada”.

<p>Be that word our sign of parting, bird or fiend! I shrieked, up-starting— Get thee back into the tempest and the Night's Plutonian shore! Leave no black plume as a token of that lie thy soul hath spoken! Leave my loneliness unbroken!—quit the bust above my door! Take thy beak from out my heart, and take thy form from off my door! Quoth the Raven Nevermore.</p>	<p>Que cette parole soit le signal de notre séparation, oiseau ou démon ! — hurlai-je en me redressant. — Rentre dans la tempête, retourne au rivage de la Nuit plutonienne ; ne laisse pas ici une seule plume noire comme souvenir du mensonge que ton âme a proféré ; laisse ma solitude inviolée ; quitte ce buste au-dessus de ma porte ; arrache ton bec de mon cœur et précipite ton spectre loin de ma porte ! Le corbeau dit : Jamais plus !</p>	<p>“Ave ou demonio que negrejas! “Demonio, ou o que quer que sejas! “Cessa, ai, cessa! clamei levantando-me. Cessa! “Regressa ao temporal, regressa “Á tua noite, deixa-me commigo. “Vae-te, não fique no meu casto abrigo “Lembrança tua da mentira tua. “Tira-me ao peito essas fataes “Garras que abrindo vão a minha dor já crua.” E o corvo disse: – “Nunca mais.”</p>
---	--	--

O início da penúltima estrofe mostra uma liberdade tomada por Machado de repetir com poucas alterações os dois primeiros versos das duas estrofes precedentes, mas é de relevância a transformação de “Be that word our sign of parting” em “Cessa, ai, cessa! clamei levantando-me. / Cessa!”, pois, na primeira, a própria palavra detém a capacidade de determinar que o corvo saia, percepção ausente na tradução de Machado. Elimina, novamente, a referência à noite plutoniana, e “the bust above my door” se torna “meu casto abrigo” (“ce buste au-dessus de ma porte” com Baudelaire). Os versos “Tira-me ao peito essas fataes / garras que abrindo vão a minha dor já crua” são a alternativa machadiana para “Take thy beak from out of my heart”, em uma alteração semântica de pouca relevância (de “bico” para “garra”) e um melhoramento do ponto de vista poético, ambos presentes apenas em Machado, não em Baudelaire.

<p>And the Raven, never flitting, still is sitting, still is sitting On the pallid bust of Pallas just above my chamber door; And his eyes have all the seeming of a demon's that is dreaming, And the lamp-light o'er him streaming throws his shadow on the floor; And my soul from out that shadow that lies floating on the floor Shall be lifted—nevermore!</p>	<p>Et le corbeau, immuable, est toujours installé, toujours installé sur le buste pâle de Pallas, juste au-dessus de la porte de ma chambre ; et ses yeux ont toute la semblance des yeux d'un démon qui rêve ; et la lumière de la lampe, en ruisselant sur lui, projette son ombre sur le plancher ; et mon âme, hors du cercle de cette ombre qui gît flottante sur le plancher, ne pourra plus s'élever, — jamais plus !</p>	<p>E o corvo ahi fica; eil-o trepado No branco marmore lavrado Da antiga Pallas; eil-o immutavel, ferrenho. Parece, ao ver-lhe o duro cenho, Um demonio sonhando. A aborrecida Sombra dele, no chão reproduzida, Perpetua está; e fora dela, fóra D'aquellas linhas funeraes A minha alma que geme, a minha alma que chora Não sai mais, nunca, nunca mais!</p>
---	---	--

Por fim, a última estrofe traz a transformação de Machado de “pallid bust of Pallas” em “branco marmore lavrado / da antiga Pallas”; de “eyes” em “duro cenho”; e de “lifted” em “sai”. A perda semântica mais relevante reside no verso “my soul from out that shadow that lies floating on the floor”, que Baudelaire traduz, de forma bem próxima, por “mon âme, hors du cercle de cette ombre qui gît flottante sur le plancher”, e que Machado traduz como “A minha alma que geme, a minha alma que chora”.

A análise qualitativa dos dados, quais sejam, as estrofes do poema em análise comparativa, dá azo à inferência de que a tradução de Machado estaria mais próxima de uma interpretação do tipo *versão* na classificação de Lefevre (1975, p. 76-83), com a preservação de grande parte do valor comunicativo do poema, usando principalmente as estratégias de compressão e modulação, sem incorrer em seu principal problema, que é o uso de léxico anacrônico. Na classificação

de Holmes (1988), poderia ser classificada como uma forma *orgânica* de tradução, por preservar o conteúdo semântico em sua maior parte, criando uma nova forma para o poema.

Ainda no campo da análise qualitativa, mas já caminhando para a quantitativa, introduz-se a opinião de Ivo Barroso (1994, p. 247) de que Machado de Assis traduziu “The Raven” com versos longos e encontros inúteis. Quanto a essa afirmação, observou-se, ao longo da análise, um número maior de omissões do que de acréscimos no texto de Machado com relação ao de Poe, produzindo um poema com 1069 palavras, comparadas a 1085 do original – a tradução em prosa de Baudelaire apresentava 1358 palavras. Pode-se argumentar, assim, que os acréscimos de Machado de Assis corresponderam a compensações de omissões em outros pontos do poema, prática comum entre tradutores de poesia.

Além disso, Câmara Jr (1958, p. 103-104), ao comentar a métrica usada por Machado, afirma que a ausência de versos de 16 sílabas na poética em língua portuguesa forçou Machado a adotar uma métrica própria, dividindo alguns versos de dois hemistíquios, com a finalidade de adequar às tradições métricas portuguesas.

[o verso de dezesseis sílabas] foge do idiomatismo rítmico, tão necessário, numa tradução, quanto o idiomatismo léxico e o sintático, para integrar a obra nas criações estéticas da língua e tirar-lhe o caráter de mera adaptação de uma criação estética peregrina (CÂMARA JR, 1958, p. 106).

Outra afirmativa de Barroso (1994, p. 247) é de que Machado não conseguiu preservar a atemporalidade do poema de Poe; de fato, a investigação demonstrou que Machado lançou mão de coloquialismos que podem datar sua tradução, prática louvada por Câmara Júnior (CÂMARA JR, 1958, p. 108).

Após a análise qualitativa, que de forma alguma se pretendeu exaustiva ou definitiva, foi realizado um levantamento quantitativo do número de alterações registradas nas traduções de Baudelaire e de Machado, que totalizaram 92 ocorrências. Destas, 4,3% foram alterações exclusivas de Baudelaire, não replicadas por Machado; 9,8% foram alterações de Baudelaire que foram também registradas na tradução de Machado; e 85,8% foram mudanças que Machado fez na tradução que não refletiram opções tradutórias de Baudelaire.

Sendo assim, é possível depreender que, qualitativa e quantitativamente, as traduções de Baudelaire e de Machado de Assis para “The Raven”, de um modo geral, não são próximas do ponto de vista de opções ou posturas tradutórias. Os resultados encontrados, portanto, não confirmam a hipótese de que o texto-fonte de Machado para a tradução foi o de Baudelaire.

No entanto, apesar de não se poder confirmar, através da análise comparativa, que o texto-fonte de Machado foi o de Baudelaire, pode-se supor que o escritor brasileiro tenha usado a tradução francesa como consulta, mas provavelmente também usou o original para ter acesso à métrica, à rima e à atmosfera do poema. Broca, ao afirmar que “se um Machado de Assis o leu no original, assim o fez possivelmente atraído pela divulgação dada por Baudelaire ao poeta d’*O Corvo*” (BROCA, 1992, p. 180), subsidia a conclusão alcançada por este trabalho e permite deduzir que ambos os textos, original e tradução francesa, estavam na mesa de Machado de Assis no momento da tradução, perfazendo uma tradução indireta compiladora, segundo Ivaska (2020, p. 27-28).

Por outro lado, pode-se depreender desta pesquisa que o projeto tradutório de Machado talvez fosse mesmo apropriador, o que Flores (2019) já havia afirmado sobre a coletividade da tradução poética de Machado:

Asaída é encontrada quando o escritor decide juntar o local e o universal, tornando-se, conjuntamente, um homem de seu país e de seu tempo, e a tradução seria um meio de, através das desleituradas, distorções e apropriações tornar próprio o que antes pertencia a outro (2019, p. 378).

Assim, não só Machado se apropriava do texto-fonte buscando um olhar nacional para aquela obra, como também se deixava influenciar pelos autores que traduzia. Haja vista diversas referências a obras de Edgar Allan Poe espalhadas pela obra de Machado, tanto antes quanto depois da tradução de “The Raven” (FLORES, 2019, p. 380).

Considerações finais

O cotejamento entre “O Corvo”, “Le Corbeau” e “The Raven” propiciou a identificação de fatores individuais que distinguem os três poemas e de fatores universais que os unem. Machado provavelmente teve como texto-fonte para sua tradução tanto o original de Poe quanto a tradução francesa de Baudelaire; a partir deles, produziu um texto com sua própria voz e seu próprio estilo. É importante apontar que essa comparação com outra tradução é, por si só, um exercício criativo; no entanto, conforme Britto (2020, p. 35), a tradução distancia-se da criação literária por ter como meta a aproximação do original em um movimento centrípeto, enquanto a criação propriamente dita se afasta do texto original e de seus modelos, em busca da originalidade, em um movimento centrífugo.

Britto (2020, p. 129) acredita que se possa fazer uma avaliação objetiva e comparativa de traduções e dela se fazer um juízo de valor a respeito de qual tradução é melhor. Para isso, basta determinar quais características do texto-fonte são mais relevantes para serem transpostas para o texto-alvo. No caso de um poema, a forma, sem dúvida, é de extrema relevância, mas também o é o conteúdo. Sendo

assim, a tradução de Machado é melhor pois mantém a forma e apresenta um estilo poético de fácil assimilação pelos leitores, preservando uma certa fidelidade ao conteúdo. Por outro lado, a de Baudelaire é melhor, pois se mantém ainda mais fiel ao conteúdo do texto original, apesar de ser feita em prosa.

A análise viabiliza a conclusão de que o compromisso de Machado de Assis na tradução de “The Raven” foi, acima de tudo, com seu próprio projeto tradutório, ou seja, atentar para a poética e a narrativa, mas também deixar sua marca pessoal e favorecer o desenvolvimento do sistema literário brasileiro.

Referências

ABRAMO, Cláudio Weber. Uma infelicidade machadiana. Publicado no DO Leitura (setembro de 1999), suplemento literário do *Diário Oficial do Estado de São Paulo*. Disponível em: <<http://www.elsonfroes.com.br/infmach.htm#null>> Acesso em: 31 ago. 2021.

ALVES, Francisco Francimar de Sousa. Poe: uma história de traduções, tradições e popularidade. *TradTerm*, São Paulo, v. 26, p. 147-159, 2015.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *O Corvo. A Estação*, Rio de Janeiro, 26 de fevereiro de 1883. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=709824&Pesq=%22o%20corvo%22&pagfis=276>> Acesso em: 29 ago. 2021.

BARBOSA, Heloísa Gonçalves; WYLER, Lia. Brazilian Tradition. In: BAKER, Mona; SALDANHA, Gabriela (ed.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Abingdon, England: Taylor & Francis e-Library, 2009.

BARROSO, Ivo. O corvo e suas traduções. *Poesia Sempre*, n. 2, 1994, p. 244-252. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/501395/per501395_1994_0003.pdf> Acesso em: 10 set. 2021.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1895. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm-ext/22>> Acesso em: 31 ago. 2021.

BRITTO, Paulo Henriques. *A tradução literária*. 3 ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2020.

BROCA, Brito. *Horas de leitura: primeira e segunda séries*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

CÂMARA, JR. Joaquim Mattoso. “Machado de Assis e o corvo de Edgar Allan Poe”, *Revista do Livro*, n. 11, 1958, p.101-109. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/393541/per393541_1958_00011.pdf> Acesso em: 8 set. 2021

CRÉPET, Jacques (org.). *Oeuvre complete de Charles Baudelaire: Correspondance générale*. Paris: Éditions Louis Conard, 1947. Disponível em: <https://archive.org/stream/correspondanceg01baud/correspondanceg01baud_djvu.txt> Acesso em: 02 set. 2021.

FLORES, Diego Nascimento Rodrigues. *Machado de Assis: poeta-tradutor*. 2019. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

GUERINI, Andréia; TORRES, Marie-Hélène C.; COSTA, Walter Carlos. *Literatura traduzida e literatura nacional*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

HOLMES, James. Forms of Verse Translation and the Translation of Verse Form. In: *Translated! Papers on literary translation and translation studies*. Amsterdã: Rodopi, 1988. p. 23-333.

IVASKA, Laura. A mixed-method approach to indirect translation: a case study of the Finnish translations of modern Greek prose 1952-2004. 2020. Tese (Doctoral Programme in Languages and Translation Studies) – School of Languages and Translation Studies, Turun Yliopisto, Turku, Finlândia, 2020.

LEFEVERE, André. *Translating poetry: seven strategies and a blueprint*. Assen: Van Gorcum, 1975.

LIMA, Mariana Gonçalves de. A Trajetória de Sant'Anna Nery: Um mediador entre o Brasil e a França. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC, 14., 2015, Belém. *Anais...* Disponível em: <https://abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1456106563.pdf> Acesso em: 30 ago. 2021.

MASSA, Jean-Michel. La bibliothèque de Machado de Assis. *Revista do Livro*, n. 21-22, 1961, p. 195-235. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/producao/publicacoes/revista-livro-biblioteca-nacional-n-00021-00022>> Acesso em: 9 set. 2021.

MASSA, Jean-Michel. *Machado de Assis*: tradutor. Belo Horizonte: Crisálida, 2008.

POULET-MALASSIS. Edgar Allan Poe. *Journal d'Alençon et du département de l'Orne*. Alençon, 9 de janeiro de 1853. Disponível em: <<https://www.normannia.info/ark%3A/86186/7fcf3#?c=0&m=0&s=0&cv=1>> Acesso em: 02 set. 2021.

REAGAN, Katherine; TANE, Susan Jaffe. *Nevermore: the Edgar Allan Poe collection of Susan Jaffe Tane*, 2006. Disponível em: <<https://rmc.library.cornell.edu/poe/exhibition/nevermore/index.html>> Acesso em: 31 ago. 2021.

RICHARDS, Eliza. Outsourcing *The Raven*: Retroactive Origins. *Victorian Poetry*, v. 43, n. 2, p. 205-221, Summer, 2005. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/pdf/40002615.pdf?refreqid=excelsior%3A27c4dc764202ebbf3655f901a28c73e2>> Acesso em: 4 set. 2021.

WELLER, Vanessa. Bird of Prosody: Poe's 'The Raven' and Baudelaire's 'Le Corbeau'. *Norwich papers*, v. 22, 2014. Disponível em: <https://www.academia.edu/9319533/Bird_of_Prosody_Poes_The_Raven_and_Baudelaires_Le_Corbeau> Acesso em: 2 set. 2021.

Recebido em: 11/09/2021
Aprovado em: 01/10/2021